

## **ELE OU ELA? EXPERIÊNCIA DE TRANSEXUAL ACERCA DO VOCATIVO À SUA ABORDAGEM COTIDIANA**

### **HE OR SHE? TRANSSEXUAL EXPERIENCE ABOUT YOUR APPROACH TO EVERYDAY VOCATIVE**

### **ÉL O ELLA? TRANSEXUAL EXPERIENCIA ACERCA DE SU ENFOQUE DE TODOS LOS DÍAS VOCATIVO**

Maria Eliane Liégio Matão<sup>1</sup>, Denismar Borges de Miranda<sup>2</sup>, Diego Mourato de Souza<sup>3</sup>, Anny Cristina Silva Cunha<sup>4</sup>

#### **RESUMO**

Inserido na temática da sexualidade, está a transexualidade. Este tem se demonstrado assunto polêmico e abastado de questionamentos. Objetivou conhecer a vivência de transexual relacionada ao vocativo utilizado por diferentes segmentos sociais no que se refere à abordagem pessoal. Trata-se de uma pesquisa descritiva do tipo estudo de caso com abordagem qualitativa. Realizou-se coleta de dados por meio de entrevista aberta em profundidade; análise estrutural de narração foi utilizada. São enfocados assuntos acerca da dificuldade de lidar com o prenome nas mais diversas situações de sua vida, em diferentes segmentos sociais, até como se deu o processo de alteração de prenome e sexo nos registros civis. Traz discussões em relação ao despreparo social, e no âmbito profissional, faz alusão à falta de preparo da equipe de saúde no que diz respeito à abordagem e acompanhamento das pessoas pertencentes a esse grupo. A falta de legislação específica, e de profissionais que valorizem os valores sociais no lugar de valores pessoais, deixa muitos integrantes dessa realidade insatisfeitos, incompletos e a mercê das atitudes preconceituosas e inconsequentes da sociedade.

**Descritores:** Transexualismo; Direitos humanos; Acontecimentos que mudam a vida.

---

<sup>1</sup> Enfemeira. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professora Assistente II do Departamento de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: [liegio@ih.com.br](mailto:liegio@ih.com.br)

<sup>2</sup> Enfermeiro. Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde pela Universidade de Brasília e em Enfermagem em Neonatologia e Pediatria pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Endereço para correspondência: Rua 18 Norte, Lotes 01 e 03, Cond. Wave, Aptº. 1003-B, Águas Claras, Brasília – DF, CEP 71.910-720. E-mail: [denismarmiranda@hotmail.com](mailto:denismarmiranda@hotmail.com). Telefone: 61 – 32631581.

<sup>3</sup> Enfermeiro graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: [mouratim@hotmail.com](mailto:mouratim@hotmail.com)

<sup>4</sup> Enfermeira graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: [liegio@ih.com.br](mailto:liegio@ih.com.br). Artigo elaborada a partir do trabalho de conclusão de curso em enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, intitulado “Ele ou ela? Experiência de transexual acerca do vocativo à sua abordagem cotidiana”.

## **ABSTRACT**

Inserted in the theme of sexuality, transsexuality is. This has proved controversial subject of questions and wealthy. Aimed to know the experience of transgender-related vocative used by different social segments in relation to the personal approach. This is a descriptive type of case study with a qualitative approach. We carried out data collection through interviews open at depth; structural narrative analysis was used. The article focuses on issues concerning the difficulty of dealing with the first name in various situations in your life, in different social segments, even as was the process of change given name and sex in the civil records. Brings discussion regarding the unpreparedness social and professional context, refers to the lack of preparedness of the health team regarding the approach and monitoring of persons belonging to that group. The lack of specific legislation, and professionals who value social values in place of personal values, this reality leaves many members unhappy, incomplete and biased attitudes of mercy and inconsequential society.

**Key word:** Transsexualism; Human rights; Life change events.

## **RESUMEN**

Insertado en el tema de la sexualidad, la transexualidad es. Esto há resultado controvertido tema de lãs perguntas y los ricos. Objetivo conocer la experiencia de los transexuales relacionados vocativo utilizado por diferentes sectores sociales en relación con el enfoque personal. Este es un tipo descriptivo de estudio de caso con un enfoque cualitativo. Se llevó a cabo la recopilación de datos a través de entrevistas abiertas en profundidad, análisis de la narrativa estructural se utilizó. El artículo se centra en cuestiones relativas a la dificultad de tratar con el primer nombre en diversas situaciones en su vida, en diferentes segmentos sociales, así como lo fue el proceso de cambio de nombre y sexo determinado en los registros civiles. Trae discusión sobre el contexto social y falta de preparación profesional, se refiere a la falta de preparación del equipo de salud sobre el enfoque y el seguimiento de las personas pertenecientes a ese grupo. La falta de una legislación específica, y los profesionales que valoran los valores sociales en lugar de los valores personales, esta realidad deja a muchos miembros descontentos, actitudes incompleta y sesgada de la misericordia y de la sociedad intrascendente.

**Descriptores:** Transexualismo; Derechos humanos; Acontecimientos que cambian la vida.

## INTRODUÇÃO

A sexualidade humana é temática recorrente e controversa, que desfila no imaginário humano caracterizada pelo senso comum e trajada com a imposição cultural que dita o certo e o errado. É tido como normal à conformidade entre a identidade de gênero e o sexo biológico, bem como, a relação heterossexual entre os seres humanos; tudo que fuja a esse padrão é colocado à margem e tratado sob o véu do não público, onde as informações não ganham amplitude e não se tornam de conhecimento geral.

A sexualidade pode ser abordada sob diferentes aspectos, sentimentos, conceitos e preconceitos, uma vez que cada pessoa é única no seu modo de perceber-se no mundo enquanto ser sexual e lidar com as implicações que lhe são pertinentes em virtude de seu posicionamento diante de um modelo preestabelecido de agir sexualmente.

No que tange ao estudo da sexualidade humana, há que se considerar que se trata de uma necessidade básica do ser humano que não pode ser separada dos outros aspectos da vida. É o ponto central da personalidade do indivíduo. Do ponto de vista biológico, pode se considerar que começa a ser desenvolvida nas primeiras semanas após a fecundação, quando o embrião começa a apresentar as estruturas rudimentares que contêm as potencialidades para formar os órgãos sexuais e reprodutivos, masculino ou feminino<sup>1</sup>. Paulatinamente, com os avanços científicos, a sexualidade humana passou a ser considerada por ângulos diversos e cada vez mais ampliada, tais como, psiquiátricos, psicológicos, endocrinológicos, genéticos e sociais<sup>1</sup>.

A transexualidade é um caso que abrange estudos amplos e complexos, em diferentes áreas do conhecimento. A situação, apesar do avanço já conquistado, ainda tem equacionamento difícil. Na esfera biológica, mesmo com o tratamento cirúrgico realizado, o êxito funcional ainda exige maiores avanços tecnológicos e científicos. No aspecto psicológico, contam com ações de apoio e compreensão dos problemas, mas ainda carecem de ações coletivas que lhes preservem a dignidade e demonstrem respeito. No âmbito social, há relatos de diferentes situações, desde solidariedade até de flagrante desrespeito e discriminação. Muitos são os fatores que podem gerar situações constrangedoras, dentre eles os casos em que a pessoa tem nome masculino e aparência feminina, ou vice-versa. A prerrogativa da busca do equilíbrio corpo e mente do transexual, ou seja, à adequação de sexo

e prenome, está ancorado no direito ao próprio corpo, à saúde e à identidade sexual, a qual integra um poderoso aspecto da identidade pessoal<sup>2</sup>.

O transexual deseja ver seu direito à saúde, à cidadania, à igualdade, à dignidade, à opção sexual respeitado. Ignorar o que lhe é devido é considerá-lo um cidadão incompleto, negando-lhe a prerrogativa de estar integrada a sociedade; é destituir-lhe de poder legítimo, essencial e inerente à natureza humana<sup>3</sup>.

Diante do exposto, fica evidenciada a complexidade do enredo que envolve o uso do nome de registro civil como vocativo de escolha no trato ao paciente em curso de alteração de gênero ou o prenome evidenciado como o de desejo devido ao sentimento de a ele melhor se adequar. Assim alguns questionamentos foram sendo construídos: Quais as experiências de uma transexual relacionadas ao vocativo utilizado à sua abordagem em diferentes segmentos sociais? Como o transexual que já têm seu corpo transformado, assumindo a figura física de uma mulher, reage diante das situações cotidianas que requerem documentos que ainda não tiveram o prenome alterado? Qual o significado da alteração do prenome para o seu bem-estar psicológico e emocional? Na perspectiva de elucidar tais problemas este estudo objetivou conhecer a vivência de transexual relacionada ao vocativo utilizado por diferentes segmentos sociais no que se refere à abordagem pessoal.

## MÉTODO

Trata-se de pesquisa descritiva do tipo estudo de caso com abordagem qualitativa. Participou voluntariamente desta pesquisa um transexual maior de 18 anos, submetida à neocolpovulvoplastia, que já possuía registros civis adaptados. Foi garantido também sigilo, anonimato e privacidade e confidencialidade das informações fornecidas, conforme preceitua a Resolução 196/196<sup>4</sup>.

A coleta de dados foi realizada no mês de novembro de 2009, na residência do sujeito na cidade de Nazário- GO. Houve o preenchimento de formulário socioeconômico e cultural e posteriormente realizado entrevista aberta em profundidade com a seguinte questão norteadora: “por favor, fale sobre sua vivência relacionada ao nome pelo qual é abordada nos diferentes contextos no qual está inserida ao longo de sua trajetória”. Para dar continuidade ao contexto e foco da entrevista, quando necessário, foram feitas questões de encaminhamento do tipo: Explica melhor isso? Fale um pouco mais sobre isso? Como assim? Sob o

consentimento da participante, a entrevista foi gravada em Mp4, e seu conteúdo transcrito na íntegra. A gravação foi apagada e o formulário destruído ao término das análises.

Realizou-se análise estrutural de narração, realizada a partir da desconstrução e reconstrução da narrativa, adotando-se os critérios estabelecidos Demazière e Dubar<sup>5</sup>. Para viabilizar o processo, o conteúdo foi transcrito na íntegra e após, realizadas as leituras individuais para identificação das sequências, fatos, justificativas e personagens referenciados, uma vez que por mais completa que seja uma análise ao conjunto horizontal do discurso, para ser eficiente, faz-se necessário realizá-la verticalmente, uma vez que “o sentido não está ‘no fim’ da narrativa, ele a perpassa”<sup>6:339</sup>.

A análise das informações se deu após exaustivas leituras do material transcrito. Tais leituras, a priori, foram feitas para dar conhecimento ao *corpus* do trabalho, para depois desconstruir as falas e, em seguida, reconstruí-las, dividindo-as em categorias afins, com finalidade de dar uma sequência lógica aos resultados.

## **RESULTADOS**

O presente estudo é fundamentado em entrevista com um transexual operada, que já obteve o prenome alterado em registro civil. Também foram alterados os nomes nas passagens em que foram expressados, com intuito de preservar-lhe a identidade, conferindo-lhe anonimato e privacidade. O pseudônimo escolhido é uma palavra de origem grega que traduz o que para nossa personagem, melhor representa a sinopse de sua vida, Andirá cujo significado é “a que tem vitória”, e para mencionar o antigo nome masculino de Andirá, citou-se Roberto.

### **Características do sujeito**

Andirá tem 39 anos, solteira, cursou até a 5ª série do ensino fundamental em escola pública, é católica, porém diz não frequentar a igreja. Tem sua própria residência, onde mora sozinha e trabalha como cabeleireira.

Sua primeira intervenção cirúrgica foi realizada há aproximadamente quatro anos no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás. Até o momento, passou por três cirurgias, duas delas reparadoras. Nos últimos nove meses faz uso constante de uma prótese, com objetivo de manter a luz da cavidade vaginal desobstruída.

Diferentemente da maioria dos transexuais, Andirá, com muita facilidade, obteve êxito em relação à mudança de prenome no registro civil após o procedimento cirúrgico, sem ao menos passar por perícia médica. Seu sucesso é fruto de sua luta em prol dessa causa, o que a torna exceção dentre os muitos transexuais operados que almejam a modificação do vocativo.

### **Vivência de uma transexual**

Desde que começou a perceber as diferenças sexuais entre os seres humanos, Andirá, ainda na infância, não entendia as percepções que tinha acerca do próprio corpo que, para ela, não estava em conformidade com sua identidade de gênero psicológica. *“Eu olhava as meninas, eu me identificava com as meninas e os meninos eu imaginava eles como futuro esposo, namorado... Quando eu tive a oportunidade de ver uma menina nua, aí, eu quase que pirei, porque não era minha identidade aquela. A menina tinha o que eu não tinha! Aí, eu vi que eu tinha algo diferente! Aí, depois eu passei, eu tive a oportunidade de ver um menino e que tinha o mesmo que eu: um pequeno pênis. Aí, teve o conflito, mas eu me vi uma menina e não tenho nada de menina? Eu não tenho! Aí, minha cabeça parafusou toda!”*

Nas brincadeiras de criança com suas irmãs, tomava para si nomes de mulher, imaginando-se em contextos tipicamente femininos, nos quais podia sonhar com a maternidade e o matrimônio. *“[...] eu fazia fantasia, eu queria casar, queria ter filhos, queria ter marido; dessas fantasias de criança, aliás, só de criança não, de adulto também. Eu brincava com as minhas irmãs, colocava abóbora dentro da camisa, da blusa e falava que eu tava gestante. Então eu fantasiava, por exemplo, o nome: meu nome é Andirá.”*

O simples ato de olhar-se no espelho ou tocar o próprio corpo era para Andirá algo impraticável. Frustrante foi à experiência sexual. *“Eu não me olhava de jeito nenhum! De maneira nenhuma! Mas era muito triste! Eu não me via, não me olhava no espelho [...] antes eu não me tocava [...] Foi o que eu imaginava a descoberta de um corpo masculino, né, na minha frente. Mas, depois ela é frustrante, porque não era da forma que eu imaginava.”*

Como consequência natural do decorrer da vida, a necessidade do convívio social aumentava progressivamente, trazendo com ele o preconceito, o sofrimento e a busca por respeito a uma situação que até aquele momento Andirá ainda não sabia explicar. *“Então, na escola eu não fiz a 5ª série, porque não tinha sossego pra estudar. Então, lá eu sentava, às vezes as pessoas me chamavam. Até eu tinha curiosidade, nossa será que quer ser meu amigo*

*ou minha amiga? Pegavam e cuspiam na minha cara, jogavam tênis [...] É, na minha cabeça eu me via mulher, mas as pessoas começaram a me dar nome de gay, de bicha, de viado. Eu não gostava não, mas não tinha uma outra explicação. Aí, minha vida se tornou um inferno! Porque aí vieram os nomes, vieram as agressões, eu apanhava. Crianças de 12, 13 anos me jogavam pedra. Já me bateram com fio de energia! As pessoas da cidade, a cidade, não aceitavam [...] a minha condição sexual [...] eu não estava suportando mais esse tipo de coisa. Aí, eu tentei suicídio. Depois eu aprendi a ridicularizar as pessoas. Aí então, eu me colocava a altura ou igual o nível deles. Aí, eles passaram a temer o que podia sair da minha boca. Aí, sim! Aí, foi diminuindo.”*

Entre as paredes do ambiente familiar, as dificuldades não se tornaram diminuídas. Também nesse meio, Andirá deparou-se com a intolerância e incompreensão, agravadas pelo desconhecimento da verdade que nem mesmo Andirá sabia de fato explicar até aquele momento. *“Não aceitavam assim de colocar: Eu não aceito! Eu não aceito! A forma de não aceitar era: Eu colocava roupa feminina, minha mãe rasgava tudo! O meu irmão, eu tinha um irmão que faleceu, ele me pegava e me batia até, me punha pra fora de casa. Eu cheguei a me prostituir. [...] Me prostituí, porque eu não tinha como trabalhar, ninguém me aceitava, ninguém me queria! Às vezes eu passava fome!”*

O desejo pelo uso de um vocativo feminino se tornava cada vez mais evidente. Na ausência de um registro civil com a especificação de gênero desejada, Andirá vivenciou as mais diversas situações. *“Eu compro a crédito aqui na cidade antes de fazer a cirurgia, eu já usava o nome Andirá, eu assinava como Andirá nas lojas, porque eu não aceitava! Se falasse pra mim que fosse pra mim comprar como Roberto: Eu não compro! E que eu não quisesse pagar também, porque aquele nome era falso, ele não tinha regularização, mesmo assim os dono de loja confiava em mim. Andirá era o nome que eu usava. Andirá! [...] Às vezes eu me identificava como Andirá, eles usavam o documento de senhor, senhor Roberto. E era constrangedor! [...] E tem pessoas aqui ainda na cidade que me chamam de Roberto, me chamam de ele. Mas é força do hábito, porque antes eu não tinha documentação, não tinha cirurgia, não tinha nada. É uma adaptação! Mas sempre vai ser isso. Incomoda, mas deixa pra lá!”*

Tantas foram às situações envolvendo o vocativo vivenciado por Andirá, que esta desenvolveu uma habilidade especial para lidar com as circunstâncias que requeressem o uso

de documentação pessoal. *“A voz também fala bastante, fala por si só. Às vezes eu pegava, era constrangedor? Era. Mas eu pegava e falava: Meu nome é Andirá, meu problema tal [...] Eu não quero ser chamada por esse nome, mas eu vou mudar meus documentos, vou sobressair [...] Aí [...] Oi Andirá, tudo bem?! Cadê a documentação? [...] Eu pegava e falava assim: Ou, deixa eu te falar, coloca aí Andirá sabe porque, eu sou Andirá mesmo, mas é porque eu nasci [...] Aí eu pegava a situação e contava, aí eles compreendiam. Passavam por cima!”*

Ao passo que buscava pela imposição do prenome feminino, Andirá aventurava-se pelos meios legais, na tentativa de alcançar a tão sonhada alteração do vocativo constante nos documentos de identificação. *“Eu quis mudar o nome bem antes da cirurgia. Eu sempre briguei! Fui até impulsivo. Eu antes de fazer cirurgia já busquei um nome, antes de fazer tratamento eu arrumei uma documentação e entreguei pro advogado que é pai do atual prefeito agora. Aí, ele ia tentar achar uma brecha na constituição, na legislação, mas não conseguiu. Tentei arrumar um outro advogado sem ter feito a cirurgia, mas não tive resultado. Mas se eu soubesse de algum lugar que faria eu tinha ido.”*

A despeito de a modificação do nome ser alvo da ambição de transexuais, como foi o de Andirá, esta se mostra obstante a efetivação desse processo antes da terapêutica que compõe o tratamento de readequação sexual. *“A mudança de nome? No caso específico e esclarecido eu era a favor, mas do jeito que tá agora? [...] Porque tem gente que entra no processo, assim eles entram com uma fantasia que é transexual, porque na verdade são confusões que aquela pessoa tem. [...] Aí então, o certo, se houvesse essa certeza, sou a favor sim de antes dessa cirurgia. [...] É! Assim, num primeiro momento uma avaliação e ter um nome provisório pra num ter constrangimento. [...] Porque quantas pessoas que não usariam o nome pra tirar vantagem? A gente vê de tudo, né!”*

Contudo, sua saga no âmbito judiciário conferiu-lhe subsídios para compreender todo o processo que envolve a alteração de documentos pessoais. Entendendo, Andirá, a partir de então, que o seu sucesso nessa empreitada estava diretamente ligado a concretização do tratamento de redesignação sexual. *“Falei pro promotor [...] procurei ele a possibilidade de tá mudando o nome. Ele falou que só era possível após a cirurgia. [...] Conversei com o juiz. Eu tive esse atrevimento de ir até o juiz conversar com ele. Ele falou assim: Não! De jeito nenhum! Assim que você operar, vem cá que nós vai arrumar seus documento.”*

Constante na vida de Andirá também era vontade de possuir uma aparência física que fosse condizente com a sua realidade mental, que desejava ver refletida no espelho a silhueta delgada de uma mulher. *“[...] sempre tomei [...] teve uma época que eu cheguei a tomar 16 qualidades de hormônio. Pra mudar! Por conta própria, de desespero! Mas aí, eu cheguei a tomar 30, 35 em quantidade de medicamento por dia. É o desespero pra ter seio!”*

O desespero de Andirá pela readequação sexual refletiu-se em atitudes extremadas que poderiam ter lhe custado à liberdade, a saúde ou até mesmo a própria vida. *“A primeira entrevista que eu dei no jornal foi pra vender um rim meu, pra poder custear a cirurgia. Depois eu fiquei sabendo que poderia ser até presa por isso. Inclusive eu briguei com o povo da igreja universal, porque ele deu uma opinião a respeito de uma venda de um rim meu. [...] Eu cheguei a pedir esmola na rua pra ver se eu conseguia chegar a uma quantidade em dinheiro pra fazer a cirurgia no Sul ou em Jundiá.”*

Contudo, ao passar pelo tratamento que lhe traria a tão esperada concordância entre forma física e identidade de gênero psicológica, Andirá teve a certeza de que os finais incondicionalmente felizes só acontecem mesmo em conto de fadas. *“É [...] Satisfeita com a cirurgia? To, mas to insatisfeita por não ter tido o êxito que eu esperava, porque não foi explicado que a cirurgia: Ah, você vai fazer, passa um ano você faz mais uma, depois fecha e você faz mais outra, depois tira pele dali, tira pele da boca, tira pele da coxa, tira pele do abdome, depois vai com placenta, vamos continuar [...] Onde vai parar? Então, felicidade plena com a cirurgia? Eu não tenho felicidade plena com ela não. Porque é 24hs com a prótese de 14 cm colocada, que me machuca e que me fere e que é difícil de colocar, é ruim demais sabe. Eu já tinha usado antes, fecho; agora de novo já nove meses.”*

Apesar dos transtornos gerados pela cirurgia, Andirá teve a sorte de ser uma das exceções no processo de mudança do registro civil. A maioria dos transexuais enfrenta resistência por parte do judiciário nesse contexto, o que resulta numa espera prolongada e exaustiva para se ter civilmente o nome feminino, com o qual sempre fantasiou, em registro. *“Aí, ela deu a entrada. Então o juiz analisou, passou pra promotora. Ele deu o aval dele, passou pra promotora, ela pegou e analisou e deu o parecer dela, devolveu pro juiz. O juiz assinou e me trouxe o papel [...] Foi na faixa de uns 3 meses depois da cirurgia, que eu peguei. Eu me considero uma pessoa vitoriosa nesse ponto. Têm várias que não conseguem mesmo depois da cirurgia. Tem muitas lá que já operaram antes de mim e não conseguiram.”*

Para Andirá, a mudança do prenome em seus documentos pessoais é a concretização legal do que para ela jamais fora diferente. Uma gama de sentimentos invade o coração quando se sente mulher fisicamente e ao olhar seu sexo e nome (femininos) escritos em um documento, o que traduz a realização, a batalha, as lágrimas e a perseverança. “[...] *eu não tenho noção de quando apareceu Andirá. É eterno! [...] parece que eu sempre tive o nome de Andirá, nunca foi Roberto. Então, eu vejo esse documento, eu vejo a concretização de um sonho, de uma luta. Vitória! Vitória! O Roberto não significa nada a Andirá é vitória! É uma vitória! É onde uma luta de um ser humano com muita persistência, força, choro.*”

Mesmo após a readequação sexual e alteração do vocativo, Andirá entende que ainda não alcançou a plena realização pessoal. “*E tá caminhando [...] Eu não vou falar que teve um final feliz não e, sim, que está se encaminhando pra um final feliz.*”

Atenta ao meio no qual esta inserida, Andirá observa e pontua sobre a atitude das pessoas atuantes em instituições hospitalares especializadas em cirurgias de redesignação sexual, apontando a reação evidenciada diante da presença de pessoas em condições diferentes das que os valores sociais impostos desenham como aceitável. “*É! Muitas vezes dentro do hospital, certos profissionais não vêem a gente como pessoas normais. [...] O recepcionista, o guarda lá, não tá preparado pra uma situação, ele manda colocar lá pra procurar qual nome. [...] É esse nome aqui?! [...] Não! [...] A pessoa tem que pronunciar o nome mesmo masculino. [...] Tem gente que faz questão de chamar senhor ou ele. [...] Tem gente no hospital que não sabe da existência dessa cirurgia lá dentro. Tem gente que vem com curiosidade: Como é que é, hein?! Eles pregou? Como é que é? É só pregado? Costurou? Colou? Você tem que ter estômago lá! [...] A pessoa só vai se sentir bem, só vai se sentir mulher lá dentro do coisa lá de ginecologia. E no resto do hospital? [...] Eu não vejo com muita clareza esses profissionais. Eu não vejo os médicos se empenhar em debater num programa de televisão, num rádio ou num jornal e explicar ou dizer que tá bem informado sobre isso. Eu não vejo esse lado de preparação aí não, eu acho que eles tem um pouco de dificuldade.*”

Baseada em sua vivência, Andirá expressa sua percepção acerca do que poderia, ou deveria, ser melhorado no sistema público brasileiro de saúde, principalmente, no que se refere à difusão da informação. Para ela, esclarecimento é essencial na constituição de relações humanas harmoniosas. “*Eu acho que deveria ter, mas não só na área da*

*transexualidade, mas em outras áreas como: AIDS, o câncer. Eu acho que deveria, o Ministério de Saúde, os órgãos de saúde, deveria ter um programa, ter debate, e esclarecer aqueles profissionais que pudessem dar informação e educar pessoas de uma forma certa, correta... não só pra divulgação, pra orientação do quê que é o transexual, em quê que consiste o transexual, qual é o transtorno do transexual [...] Por exemplo, só tem a hora, a voz do presidente. Mas nunca tem um horário de utilidade pública, pra falar de um problema que eu acho que precisa de muita informação.”*

Ainda raciocinando sobre a questão da necessidade de informação, Andirá relata sua impressão sobre o comportamento dos transexuais que, assim como ela, vivem ou viveram o duelo entre gênero psicológico e anatômico. *“Muitas enganam achando que após a cirurgia a identidade social vai mudar. Não, porque a pessoa que é operada, ela vai sempre ser operada. Ela vai ser uma mulher pra ela mesma. Vai ser sempre o viado que cortou o pinto, se mutilou. [...] tem pessoas que colocam a fantasia lá em cima. A pessoa quer esconder a identidade dela social. Porque, por exemplo, a pessoa que se propõe a fazer uma cirurgia, faz a cirurgia e depois fala que é mulher biológica, e que nunca teve problema, e que nunca fez cirurgia... É renegar seu passado, é renegar sua luta, é renegar amigos, renegar a família. É mentir pra si mesma. Aí eu vejo a perda de identidade. [...] Aí eu vendo as mentira, eu acho que nesse sentido deveria ter uma orientação.”*

Na contramão do humanamente esperado e sob o conforto da elucidação de sua sexualidade, Andirá em momento algum, mostrou-se triste, depressiva ou amargurada por ter vivido tantos e dolorosos momentos até chegar ao patamar de realização que se encontra hoje. Entende a existência do “antigo” Roberto como oportunidade, e se alegra com a concretização de Andirá, sendo assim, remonta no passado a razão de hoje existir. *“Eu me orgulho da minha luta, até do meu sofrimento eu me orgulho, porque eu soube passar, soube enfrentar. Apanhei? Apanhei. Me fez uma pessoa mais forte. Hoje eu não sou uma pessoa fraca. Então, se eu fui Roberto fisicamente no passado, pro Roberto dar a oportunidade pra Andirá existir. Não tinha Andirá se não existisse o Roberto.”*

## **DISCUSSÃO**

As questões formadoras do meio em que permeia a transexualidade podem ter início em fases distintas da vida, o que divide os transexuais em duas categorias: primários e

secundários. A primeira refere-se àqueles que se sentem pertencentes ao gênero oposto ao da sua constituição física desde o início da infância; a segunda somente explicita a sua real identidade de gênero na fase adulta, mantendo-se reservado, geralmente, por pressão da família<sup>1</sup>. Andirá, a partir do momento em que foi capaz de fazer distinção entre as particularidades femininas e masculinas, compreendeu, ainda criança, que havia algo discordante entre o que sentia e o que via em sua constituição. O que nos leva a constatar que Andirá enquadra-se no grupo de pessoas composto por transexuais primários.

Como visto, Andirá mostrava-se além das convenções sociais estipuladas para masculino e feminino. Esta imaginava, em sua inocência infantil, realidades concernentes e expressamente direcionadas às meninas, como a gestação e a maternidade. Suas brincadeiras eram baseadas nas de suas irmãs, nas quais praticava toda feminilidade permitida naquele contexto. Os indícios de disforia de gênero são revelados pelas crianças em suas poucas palavras, brincadeiras, jogos, escolha de roupas e companheiros, prevalecendo as atitudes sobre a verbalização<sup>7</sup>.

Logo, a certeza de estar em um corpo diferente do mentalmente vivenciado, é uma convicção precoce, permanente e irreversível, que está associada ao desejo de modificação da aparência anatômica através de intervenção cirúrgica e endocrinológica<sup>8</sup>. É de fato uma alma feminina em um corpo masculino e vice-versa. Assim como revelado por Andirá através do conflito explicitado desde a primeira fase da vida.

O crescente desejo de concretização física daquilo que no plano psicológico já era real, impulsionou Andirá a permanecer firme em seu propósito, portanto, nunca desistiu dos seus sonhos. Enfrentou preconceitos, afrontas, agressões, até mesmo físicas, e confrontos, inclusive com os preceitos familiares. Para algumas famílias, é inaceitável o fato de um filho se comportar como mulher e/ou o oposto, pois é difícil a compreensão além da realidade aparente<sup>1</sup>. Desse modo, tendem a piorar toda e qualquer atitude que contradiga os preceitos absorvidos pela sociedade como verdadeiros, classificando-a como libidinagem, doença, capricho ou rebeldia. “A comercialização da ambigüidade, para os transexuais homem-mulher ainda representa, no entanto, para muitíssimos, sobretudo pertencentes aos grupos mais carentes e marginalizados pelas famílias, o único meio de subsistência”<sup>9:131</sup>.

Na amplitude das relações sociais, Andirá deparou-se com a intolerância traduzida em ações ignorantes, relacionadas à percepção de sua pessoa enquanto ser “estranho” por todos

que a cercavam, desde quando tinha no corpo a prova de um ser masculino, em uma sociedade arraigada em preceitos e paradigmas.

Como a maioria dos transexuais, Andirá optou por se harmonizar nos primeiros anos da juventude, fazendo uso, por conta própria e indiscriminadamente, de hormônios femininos. É possível que indivíduos transexuais vivam sem transformar seu corpo por muito tempo, ainda que se sintam discordantes dele<sup>1</sup>.

O processo terapêutico ocorreu para Andirá tal como preconizado. Dessa forma, por dois anos foi acompanhada por equipe multidisciplinar, com finalidade de confirmação de diagnóstico, seguindo para hormonoterapia e procedimento cirúrgico de neocolpovulvoplastia<sup>10</sup>. Entretanto, Andirá demonstra insatisfação perante o resultado obtido, apesar de estar feliz com a mudança da aparência física, o que, exprime a sensação pós-operatória do transexual de haver se libertado de um peso e poder, finalmente, viver sua nova vida<sup>10</sup>.

A insatisfação de Andirá em relação às condições pós-operatória estabelecida se deve à necessidade de passar por inúmeras cirurgias e, principalmente, a dependência do uso constante e contínuo de uma prótese (molde vaginal) para manter aberto o canal vaginal constituído em cirurgia.

Aspirando uma aparência corporal ainda mais próxima da feminina, Andirá optou por técnicas cirúrgicas complementares que lhe conferiram o aumento das mamas (mamoplastia) e extirpação dos pêlos da face e tórax. Adequações, essas, possivelmente necessárias além da cirurgia de transgenitalização<sup>10</sup>. Também podem ser realizadas outras intervenções, tais como a rinoplastia, a fonocirurgia e a ablação do pombo de Adão<sup>10</sup>.

No que diz respeito à alteração do prenome, Andirá não encontrou nenhuma objeção em realizá-la após o procedimento cirúrgico, muito em virtude de sua busca constante por essa conquista, que acabou por incluir nesse processo a influencia notória dos meios de comunicação em massa sobre as ações sociais. Porém, este não é o cotidiano de inúmeros transexuais que já passaram por toda a conduta que requer o tratamento de disforia de gênero, e ainda menos daqueles que pretenderam fazê-la antes da cirurgia, tal como já havia tentado Andirá.

Então, Andirá, após o alcance do equilíbrio mente e corpo obtido através de cirurgia, em menos de três meses, conseguiu se adequar também aos moldes civis obrigatórios

utilizando-se também das leis de base e das jurisprudências acerca dessa temática. Tal fato distingue o que para ela até aquele momento era sonho, ser feminino.

A pronúncia de um nome é capaz de transmitir sons que despertam no espírito da pessoa indicada seus atributos físicos, morais, jurídicos, econômicos, sociais, dentre outros<sup>11</sup>. Para ela, o nome é a forma mais simples, mais geral e prática de identificação. A busca de Andirá pela utilização por terceiros do seu vocativo de escolha em sua abordagem, dentro e fora do sistema judiciário, exemplificam na prática diária de um transexual o já mencionado na literatura quanto ao inestimável valor do nome.

Na infância, Andirá encarou situações bastante depreciativas, humilhantes e que a afastaram de alguns contextos de convívio essenciais, como a escola. Tais momentos foram imprescindíveis, na verdade determinantes, para que ela abandonasse os estudos, sem ao menos concluir o ensino fundamental. Hodiernamente, o fato citado anteriormente poderia ser evitado, já que em Goiás, há a resolução, que dispõe sobre a inclusão do nome social de travestis e transexuais<sup>12</sup>.

Em diversos outros segmentos sociais, viu-se exposta num dilema plenamente entendido por ela, contudo não encarado da mesma forma pelas demais pessoas. Para abrir crédito em estabelecimentos de compras ou mesmo ser chamada em filas de espera, inclusive em hospitais, necessitava, muitas vezes, explicar seu “problema” e mencionar a forma como gostaria de ser chamada. A partir disso, pôde-se atribuir, de fato, a importância do vocativo em sua abordagem pessoal.

No tocante ao ambiente hospitalar, ressalta a importância da capacitação da equipe multidisciplinar para analisar, diagnosticar e acompanhar o paciente transexual no período pré, trans e pós-operatório<sup>13</sup>. Todavia, a formação acadêmica é deficiente no que diz respeito ao conhecimento e estudo da transexualidade, além de descrever que grande parte dos alunos do último ano de enfermagem e medicina das Universidades Católica e Federal de Goiás, respectivamente, não estudam essa temática no decorrer da vida acadêmica<sup>13</sup>. Averiguou-se preconceito, maledicência e ridicularização por parte do grupo pesquisado, denotando, conforme pesquisa, formação técnico-científico insuficiente para a prestação de assistência coerente, ética, humanizada e de qualidade; tal como manifestado pela fala de Andirá apresentado nos resultados.

Percebeu-se que a confluência das duas ações, quais sejam, redesignar o sexo (corporal) e alterar o registro civil (social), resolve o fato mor pré-existente, no caso, a discordância gênero x identidade social (contexto). A desigualdade estaria nos significados construídos culturalmente em relação a esta diferença e não meramente na diferença biológica entre os gêneros. Reafirmando há um processo de construção de expectativas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, a partir da diferença sexual<sup>14</sup>.

Apesar de Andirá ter conseguido muito facilmente a readequação dos documentos civis à sua nova condição física, podemos perceber, de acordo com os resultados, o quanto é importante, algo que pode até parecer banal, o vocativo a ser utilizado nas mais diversas abordagens. Principalmente no tangente à abordagem hospitalar por profissionais, o que de fato, a priori, deveria ser feito de forma humanizada, ética e preparada para lidar com esse determinado grupo<sup>13</sup> e como citado por Andirá, esse preparo não existe.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No vasto campo da sexualidade humana, a transexualidade se traduz como bizarro, diferente, anormal e porque não curioso. É um tema carregado de preconceito, falta de informações, e que, justamente por isso requer maior sensibilidade e respeito para com as pessoas que vivem esse contexto, afim de não cometer julgamentos e comentários pejorativos acerca dos mesmos.

Este estudo proporcionou a aproximação com a realidade de um transexual já operada, desde o início dos primeiros conflitos até os dias atuais, passando pelos conflitos subjetivos, familiares e sociais. A não aceitação do órgão genital leva ao desespero por se sentir um monstro, um erro da natureza.

A história de Andirá, mostra a necessidade de perseverança, esforço e lutas, regadas com lágrimas e que a levou a colher os bons frutos que vivencia hoje. Para ela, a realização veio com a cirurgia de redesignação sexual, e mais ainda com a vitória de conseguir a alteração do nome e sexo em seus documentos civis, fato não vivido pela maioria dos transexuais.

A falta de legislação específica, e de profissionais que valorizem os valores sociais no lugar de valores pessoais, dificulta essa caminhada, deixando muitos integrantes dessa

realidade insatisfeitos, incompletos e a mercê das atitudes preconceituosas e inconsequentes da sociedade.

Andirá se propôs a fazer de tudo para conseguir alcançar seus sonhos, de ir a mídia à não desistir de procurar brechas judiciais, mostrando assim, a dificuldade, porém a possibilidade de se chegar ao tão sonhado documento de identificação feminino.

Muitos transexuais enfrentam a dificuldade financeira do tratamento, se veem desamparadas diante da falta de recursos, porém a resolução do Conselho Federal de Medicina pode representar uma grande oportunidade de resgate da dignidade e da autoestima, visto que direciona ao Sistema Único de Saúde a capacidade e os protocolos de terapêutica da transexualidade.

Visto ser um procedimento relativamente novo em alguns estados, nota-se a necessidade de aprimoramento das técnicas cirúrgicas, de acompanhamento pré, trans e pós-operatórios, além da capacitação de profissionais, tanto do nível técnico, quanto do científico, no sentido de lidar e abordar esse grupo.

Percebe-se a dificuldade do uso do vocativo adequado nos mais distintos segmentos sociais, desde a infância na escola e convívio familiar, até mesmo dentro do hospital durante o tratamento. O que expressa a falta de informações acerca do assunto e a simples valorização dos preceitos julgados como certo e errado.

Navegando no imaginário de Andirá, torna-se claro o quanto é essencial e importante à quebra dos preconceitos, dos paradigmas e das resistências diante às diferenças, afinal, buscamos o conhecimento para que tenhamos a mente suscetível e flexível a novas experiências e não para negligenciarmos aquilo que, para nós (na atividade da ignorância), é desprezível.

Mesmo sendo um estudo de caso, e a abordagem feita com apenas um sujeito, essa pesquisa permitiu aprofundar um pouco mais nesse universo obscuro e marginalizado.

## REFERÊNCIAS

1. Costa CMF, Gadelha MR, Meirelles RMR. Transexualismo. J Bras Med. 1994; 66(6): 148-57.
2. Vieira TR. Aspectos psicológicos, médicos e jurídicos do transexualismo. Psicólogo inFormação. 2000 [citado 2012]

- jan 15]; 4(4): 63-77. Available from: <http://editora.metodista.br/Psicologo1/psi05.pdf>.
3. Humildes JS. Transexualismo e Direito: possibilidades e limites jurídicos de uma nova identidade sexual. Boletim Jurídico, Uberaba, ano 5, n. 261. [cited 2009 june 15]. Available from: <http://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=1946>.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Ética e Pesquisa. Conselho Nacional de Saúde. Manual Operacional para Comitês de Ética em Pesquisa. Série CNS - Cadernos Técnicos, série A, Normas e Manuais Técnicos, n. 133. Brasília; 2002. 83-91p.
5. Demazière D, Dubar C. Analyses lês entretiens biographiques, l'exemple de récits d'insertion. Paris: Nathan; 1997.
6. Barthes T. A aventura semiótica. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: M. Fontes; 2001.
7. Ramsey G. Transexuais: perguntas e respostas. [tradução, Rafael Azize]. Sao Paulo: Summus; 1998.
8. Stoller R. A Further Contribution to the Study of Gender Identity. International J Psycho-Analysis. 1968; 49: 364-7.
9. Verde JB, Graziottin A. Transexualismo: o enigma da identidade. São Paulo: Paullus; 1997.
10. Athayde AVL. Transexualismo Masculino. Arq Bras Endocrinol Metab. 2001; 45(4): 407-14.
11. Vampre S. Do nome civil. São Paulo: F. Briguiet & Cia; 1935.
12. Goiás (Estado). Conselho Estadual de Educação de Goiás. Resolução CEE/CP nº. 05, de 03 de Abril de 2009. [ cited 2011 jan 02]. Available from: <http://legislacaoigbtbrasil.blogspot.com.br/2010/11/goiasresolucao-dispoe-sobre-inclusao-do.html>.
13. Matão MEL, Miranda DB, Campos PHF, Teles MNA, Mesquita RL. Representações sociais da transexualidade:

perspectiva dos acadêmicos de enfermagem  
e medicina. Rev Baiana de Saúde Pública.  
2010; 34(1): 101-18.

14. Souza ER. No coração da sala de aula:  
gênero e trabalho docente nas séries  
iniciais. Cad. Pagu [online]. 2002; 17-18:  
379-87.

Conflict of interest: No  
Date of first submission: 2013-04-14  
Last received: 2013-05-15  
Accepted: 2013-09-26  
Publishing: 2013-09-30

**Corresponding Address**

Denismar Borges Miranda  
Rua 18 Norte, Lotes 01 e 03, Cond. Wave, Aptº. 1003-B,  
Águas Claras, Brasília – DF, CEP 71.910-720  
E-mail: [denismarmiranda@hotmail.com](mailto:denismarmiranda@hotmail.com)  
Telefone: 61 – 32631581.